

LÍNGUA E MEMÓRIA

Dicionários Portugueses

Catálogo

Instituto de Lexicologia
e Lexicografia da
Língua Portuguesa



Uma viagem
através da história
da dicionarística
portuguesa



Dicionário da Língua Portuguesa
Academia das Ciências de Lisboa



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LÍNGUA E MEMÓRIA:

Dicionários
Portugueses

2 de julho de 2026
20 de novembro de 2026

ÍNDICE

1	Apresentação	2
	José Francisco Rodrigues	
2	Nota Introdutória	4
	Ana Salgado	
3	Percurso expositivo	6
	Painel 1 – A ACL e a memória lexicográfica da língua portuguesa	6
	Painel 2 – Da tradição lexicográfica à lexicografia digital	10
	Painel 3 – A dicionarística portuguesa entre ensino e missão	14
	Painel 4 – A lexicografia monolíngue em Portugal no século XVIII	15
	Painel 5 – A consolidação da lexicografia portuguesa no século XIX	18
	Painel 6 – Os grandes dicionários oitocentistas	20
	Painel 7 – Herança e inovação na lexicografia dos séculos XX e início do XXI	22
4	Bibliografia	30

Apresentação

A exposição LÍNGUA E MEMÓRIA: *Dicionários Portugueses* é uma mostra viva do rico [Acervo Lexicográfico](#) da Academia das Ciências de Lisboa, que foi lançado no seu portal no Dia Internacional da Língua Portuguesa em 5 de maio de 2025, complementada por alguns outros dicionários, para nos conduzir numa viagem através da dicionarística portuguesa.

Os primeiros dicionários dos séculos XVI e XVII aos dicionários contemporâneos, passando pela lexicografia monolíngue em Portugal dos séculos XVIII e XIX, pela especialização e sistematização do português do século XX, e, sobretudo, a lexicologia digital do século XXI, incluindo o *Dicionário da Língua Portuguesa* da Academia de Ciências de Lisboa, lançado em 2023, ilustram a evolução e a riqueza da língua portuguesa.

O papel da Academia das Ciências na memória lexicográfica da língua portuguesa inicia-se com o primeiro tomo do seu *Diccionario da lingua portugueza*, publicado em 1793 e celebrado em fac-símile no seu bicentenário, no *Vocabulário Ortográfico* de 1940 e nos dois volumes do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* de 2001. A criação do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa (ILLLP) em 1987 e a sua atividade recente, de que esta exposição é uma manifestação, reforçam o estatuto da Academia de Ciências como órgão consultivo dos órgão de soberania do Estado Português em matéria linguística.

Este Catálogo, da autoria da académica Ana Salgado, atual presidente do ILLLP, é o natural companheiro desta viagem lexicográfica proposta pela Academia das Ciências de Lisboa, que assim reforça o seu compromisso na promoção da língua portuguesa, celebrando a sua riqueza histórica e a globalização que a caracteriza.

José Francisco Rodrigues
Presidente da Academia das Ciências de Lisboa

A exposição *Língua e Memória: Dicionários Portugueses* propõe uma viagem pela história da língua portuguesa a partir de uma das suas manifestações mais persistentes e reveladoras: os dicionários. Mais do que instrumentos de consulta, estas obras são testemunhos da evolução do português e das transformações culturais, sociais e históricas que acompanharam o seu percurso.

Dos primeiros esforços de sistematização do vernáculo aos desafios da lexicografia digital, os dicionários mostram uma procura continuada de descrição, registo e organização da língua. Neles se observam mudanças lexicais e semânticas, mas também preocupações normativas, pedagógicas, científicas e identitárias próprias de cada época.

Organizada no âmbito do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa (ILLLP) da Academia das Ciências de Lisboa (ACL), esta exposição inscreve-se numa das missões mais antigas e constantes da ACL: o estudo, a descrição, a valorização e a preservação da língua portuguesa, com particular incidência sobre o seu léxico. O ILLLP assume hoje essa missão num ponto de encontro entre memória e inovação, articulando a tradição dicionarística académica com os desafios da transição digital, da atualização lexical, da diversidade do português e da criação de recursos lexicais fiáveis e acessíveis.

A exposição apresenta uma seleção de 72 obras do Acervo Lexicográfico da ACL, necessariamente condicionada pela composição, disponibilidade e localização material desse acervo. Trata-se, por isso, de um percurso representativo, e não exaustivo. Algumas peças fundamentais da história da dicionarística portuguesa não se encontram atualmente representadas no Acervo, ou não puderam ser localizadas e integradas na mostra, o que explica determinadas ausências e opções de seleção. Ainda assim, o conjunto reunido permite acompanhar momentos decisivos da produção lexicográfica em língua portuguesa e observar a diversidade de funções que os dicionários assumiram ao longo do tempo.

Por essa razão, o percurso abre com a própria ACL e com o papel que os seus dicionários, vocabulários e projetos digitais desempenham na preservação e atualização da memória lexical. A partir desse enquadramento institucional, a mostra acompanha alguns momentos fundamentais da dicionarística portuguesa, desde os vocabulários bilingues latim-português até aos grandes dicionários monolíngues, às obras especializadas e aos recursos digitais contemporâneos.

A obra de Jerónimo Cardoso marca simbolicamente o início do percurso histórico. Publicada no século XVI, inscreve-se no contexto humanista e escolar em que o português começa a adquirir maior visibilidade como língua de descrição lexical. A sua organização do léxico vernacular e a articulação entre português e latim assinalam um momento fundador da tradição lexicográfica

portuguesa.

Esta herança prolonga-se nos séculos seguintes com a lexicografia jesuíta e com figuras como Bento Pereira e Rafael Bluteau. No século XVIII, a consolidação da lexicografia monolíngue acompanha o espírito das Luzes e a valorização do conhecimento sistemático, culminando em obras decisivas para a modernização da descrição da língua, como o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de António de Morais Silva.

O século XIX corresponde a uma fase de intensa vitalidade editorial e lexicográfica. Multiplicam-se projetos que procuram dar conta da riqueza, da diversidade e da expansão do léxico português, articulando funções normativas, pedagógicas, documentais e enciclopédicas. A par da consolidação de modelos de referência, intensifica-se o interesse pelas variantes regionais, pelas formas populares, pelos usos técnicos e pela memória histórica da língua.

No século XX, a lexicografia em língua portuguesa entra numa etapa de especialização crescente. A produção dicionarística reflete os avanços da linguística e da filologia, mas também a diversificação dos públicos e dos usos: dicionários escolares, etimológicos, analógicos, ortográficos, técnicos, enciclopédicos e luso-brasileiros respondem a novas necessidades de consulta e de sistematização do português contemporâneo.

No início do século XXI, a transição digital redefine os modos de produção, atualização e difusão do conhecimento lexical. Projetos como o *Dicionário da Língua Portuguesa*, da ACL, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, o *Observatório Lexical* e o *Acervo Lexicográfico* mostram como a lexicografia académica se transforma numa infraestrutura de conhecimento: viva, atualizável, interoperável e aberta ao diálogo com a sociedade.

Esta mostra é, assim, uma celebração da língua portuguesa como património vivo e dos dicionários como artefactos intelectuais que preservam, explicam e projetam a sua riqueza. Mesmo marcada por ausências inevitáveis, resultantes da história material dos acervos e dos constrangimentos da sua localização, a exposição convida a redescobrir os dicionários não apenas como repositórios de palavras, mas como lugares de memória, pensamento e cultura. Ao fazê-lo, reafirma também a missão do ILLLP: observar a vida das palavras, organizar o conhecimento lexical e colocá-lo ao serviço da língua, da ciência, da educação, da cultura e da sociedade.

Ana Salgado
Comissária da exposição
Presidente do ILLLP

Painel 1

A ACL e a memória lexicográfica da língua portuguesa



(01)

Dicionário da língua portuguesa publicado pela Academia Real das Ciências de Lisboa. Tomo primeiro A
Pedro José Fonseca, Agostinho José da Costa de Macedo, Bartolomeu Inácio Jorge (eds.)
1793
Lisboa: Oficina da mesma Academia
(BACL 11.4 :1 1)



(02)

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
Academia das Ciências de Lisboa
1940
(BACL 12.92.12)

A fundação da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1779, assinala um novo paradigma na história da lexicografia portuguesa: a elaboração de dicionários deixa de depender apenas de iniciativas individuais e passa a integrar uma ambição coletiva, institucional e nacional. Da iniciativa erudita individual passa-se a um projeto académico de fixação, prestígio e modernização da língua portuguesa.

A lexicografia académica inscreve-se no espírito do Iluminismo, animada pelo ideal enciclopédico e pela crença na razão, na ciência e na sistematização dos saberes. O modelo francês do *Dictionnaire de l'Académie française* e o modelo italiano da Accademia della Crusca exercem forte influência sobre o projeto português.

Desde a sua fundação, a Academia assumiu o compromisso de contribuir para o estudo, a preservação e a padronização do léxico da língua portuguesa.

O primeiro grande projeto lexicográfico da Academia remonta ao final do século XVIII, com a publicação do **Dicionário da Língua Portuguesa** (1793), uma obra coletiva editada por **Pedro José Fonseca**, **Agostinho José da Costa de Macedo** e **Bartolomeu Inácio Jorge**, que procurava contribuir para a fixação e valorização da língua portuguesa num período de intensa transformação cultural e política.

No século XX, a ACL reafirmou o seu papel na modernização lexicográfica com o lançamento de importantes obras normativas, como o **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (1940), que estabeleceu padrões ortográficos, e o **Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa** (1947 e 1970), que consolidou normas em edições atualizadas, acompanhando os debates e ajustamentos ortográficos da época.

Na década de 1970, destaca-se o **Dicionário da Língua Portuguesa** (1976), publicado pela ACL através da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, sob coordenação de **Jacinto Prado Coelho**. Concebido como uma obra de grande fôlego, prevista em seis volumes, procurava renovar a tradição lexicográfica académica e ampliar o repertório lexical descrito, numa perspetiva mais atenta à língua contemporânea. Tal como sucedera com o projeto académico de 1793, também esta publicação ficou interrompida na letra A.

No domínio da terminologia científica, merece especial referência o **Vocabulário de Termos Geológicos**, projeto coordenado por **Carlos Teixeira** e inicialmente publicado pelo Centro de Estudos de Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa. Mais tarde, a obra teve continuidade no âmbito da ACL, sob coordenação de Francisco Gonçalves. Publicado em fascículos, o projeto ficou incompleto: no acervo atualmente descrito, a série encontra-se representada pelas letras A, B, D, E, F, G, H e I, não tendo sido publicado o fascículo relativo à letra C. Ainda assim, pelo rigor terminológico e pela atenção à fixação do



(03)

Vocabulário Ortográfico Resumido da
Língua Portuguesa
Academia das Ciências de Lisboa
1947
Lisboa: Imprensa Nacional
(BACL 12.15.69)

vocabulário científico em língua portuguesa, constitui um marco relevante na lexicografia especializada das Ciências da Terra. A presença do fascículo correspondente à letra I (1991) nesta exposição testemunha essa linha de trabalho, posteriormente retomada, com outra conceção e formato, na série *Thesaurus de Ciências da Terra*.

Em 1993, assinalando o II Centenário do *Diccionario da Lingoa Portuguesa* (1793), a ACL publicou uma edição fac-similada desta obra fundadora, então de acesso difícil e praticamente circunscrita às bibliotecas, restituindo ao público e à própria memória institucional o primeiro grande projeto lexicográfico académico português. A edição recupera o volume publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa e enquadra-o no percurso de renovação dos estudos lexicográficos promovido pela ACL, sendo acompanhada pelo estudo de João Malaca Casteleiro sobre esse dicionário e pelo artigo de José V. de Pina Martins sobre as suas fontes literárias.

Na lexicografia académica portuguesa, o início do século XXI fica marcado pelo ***Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*** (2001), coordenado por **João Malaca Casteleiro**. Publicada em dois volumes, a obra resultou de um projeto iniciado em 1988 e contou com o apoio do Ministério da Educação, do Instituto Camões e da Fundação Calouste Gulbenkian. Pela primeira vez, a Academia das Ciências de Lisboa oferecia ao público um dicionário completo, de A a Z, reunindo 69 426 entradas e 167 556 sentidos, acompanhados de informação etimológica, transcrições fonéticas e exemplos de uso. Na introdução, Malaca Casteleiro apresentava o objetivo de cumprir o desígnio fundador da Academia, disponibilizando um dicionário “amplo, inovador, rigoroso e normalizador do uso vocabular”. A obra tornou-se uma referência incontornável da lexicografia portuguesa contemporânea, embora partilhasse a limitação própria de qualquer dicionário impresso: a língua continuaria a transformar-se depois da sua publicação.

Esta preocupação com a atualização do léxico prolonga-se no ***Vocabulário Ortográfico Atualizado da Língua Portuguesa*** (2012), que adaptou o repertório lexical às mudanças decorrentes do Acordo Ortográfico de 1990.

Esta linha de trabalho estende-se igualmente à lexicografia especializada, com particular relevo para as Ciências da Terra. Nesse domínio, a ACL publicou a série ***Thesaurus de Ciências da Terra***, coordenada por **Manuel João Lemos de Sousa, Manuel Telles Antunes e Ana Salgado**, cujo primeiro volume, de *Apresentação Geral*, foi publicado em 2015, seguindo-se, mais recentemente, *Estratigrafia II – Quadros das Divisões Estratigráficas* (2023) e *Geotecnia: Mecânica dos Solos, Mecânica das Rochas e Geologia de Engenharia* (2025).



(04)

Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa
Academia das Ciências de Lisboa
1970
Lisboa: Imprensa Nacional
(BACL 12.92.15A)



(05)

Dicionário da Língua Portuguesa
Academia das Ciências de Lisboa,
Jacinto Prado Coelho (coord.)
1976
Lisboa: INCM, Academia das Ciências
de Lisboa
(BACL 12.16.2)



(06)

Dicionário da Língua Portuguesa
Academia das Ciências de Lisboa,
Jacinto Prado Coelho (coord.)
1976
Lisboa: INCM, Academia das Ciências
de Lisboa
(BACL 12.16.2)



(07)

Dicionário da Língua Portuguesa —
edição fac-similada (1993)
Academia das Ciências de Lisboa
1993
Lisboa: Academia das Ciências de
Lisboa
(BACL 12.16.1)



(08)

*Dicionário da Língua Portuguesa
Contemporânea*
Academia das Ciências de Lisboa, João
Malaca Casteleiro
(coord.)
2001, 2 vols.
Lisboa: Verbo, Academia das Ciências
de Lisboa
(Sala Biblioteca)



(09)

*Vocabulário Ortográfico Atualizado da
Língua Portuguesa*
Academia das Ciências de Lisboa
2012
Lisboa: Imprensa Nacional
(Sala Brasil)



(10)

Estratigrafia II - Quadros das Divisões Estratigráficas
 João Luís Cardoso, Rui Dias, Manuel
 João Lemos de Sousa, Patrícia Moreira,
 Cristina Rodrigues & Ana Salgado
 2023
 Lisboa: Academia das Ciências de
 Lisboa
 (BACL 12.15.78/7)

(11)

Estratigrafia II - Quadros das Divisões Estratigráficas
 João Luís Cardoso, Rui Dias, Manuel
 João Lemos de Sousa, Patrícia Moreira,
 Cristina Rodrigues & Ana Salgado
 2023
 Lisboa: Academia das Ciências de
 Lisboa
 (BACL 12.15.78/7)

(10)

Apresentação Geral
 Manuel João Lemos de Sousa, Manuel
 Telles Antunes & Ana Salgado
 2015
 Lisboa: Academia das Ciências de
 Lisboa
 (BACL 12.15.78-1c)

Painel 2

Da tradição lexicográfica à lexicografia digital



(12)

Dicionário da Língua Portuguesa
Ana Salgado (coord.)
2023
Lisboa: Academia das Ciências de
Lisboa
<https://dicionario.acad-ciencias.pt/>

A transição digital redefiniu os modos de produção, atualização e consulta dos dicionários. Não se trata apenas de transferir para o ecrã aquilo que antes estava em papel: o suporte digital altera a própria natureza do trabalho lexicográfico, permitindo atualizações contínuas, revisão de artigos, integração de novos lemas, melhoria da navegação e maior aproximação entre os utilizadores e a obra.

Na contemporaneidade, os dicionários respondem a usos da língua cada vez mais dinâmicos, marcados pela circulação digital, pela variação linguística e pela rápida emergência de novas palavras. A consulta torna-se mais imediata e acessível, mas exige critérios sólidos de validação, descrição e revisão lexicográfica, capazes de assegurar a qualidade e a fiabilidade da informação disponibilizada.

Neste contexto, a ACL tem aprofundado a sua intervenção através da criação e disponibilização de recursos digitais, reforçando o compromisso com a atualização lexical, a preservação da memória dicionarística e a valorização da diversidade linguística. O **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (2018), coordenado por **Ana Salgado**, disponibiliza em linha um repertório conforme às normas ortográficas em vigor.

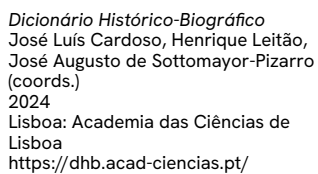
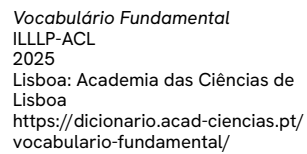
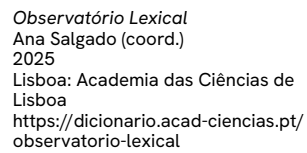
O **Dicionário da Língua Portuguesa** (2023), igualmente coordenado por **Ana Salgado**, dá continuidade à tradição dicionarística académica em ambiente digital, com acesso gratuito e conteúdos em atualização. Enquanto ferramenta viva, permite rever artigos, acrescentar novas entradas, integrar neologismos e adaptar a descrição lexical às transformações do uso contemporâneo.

Complementarmente, o **Observatório Lexical** (2025) acompanha a inovação lexical e o surgimento de novas palavras, registando vocábulos que, embora ainda não reúnam plenamente os critérios de integração no dicionário, merecem ser observados pela sua ocorrência no uso. Permite, assim, acompanhar a língua em movimento sem precipitar a consagração lexicográfica das formas emergentes.

Por sua vez, o **Vocabulário Fundamental** (2025) centra-se nas unidades lexicais essenciais do português, descrevendo os seus sentidos por níveis de complexidade e integrando informação ortoépica e fonética da variedade europeia.

A estes recursos juntam-se outros projetos que ampliam o campo de intervenção lexicográfica, documental e patrimonial da ACL. Entre eles destaca-se o **Dicionário Histórico-Biográfico** (2024), coordenado por **José Luís Cardoso, Henrique Leitão e José Augusto de Sottomayor-Pizarro**, dedicado a personalidades da história e da cultura portuguesas que foram membros da ACL.

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
Ana Salgado (coord.)
2018
Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa
<https://vocabulario.acad-ciencias.pt/>





(17)

ACL+ - Linguagem, Cultura e Inclusão
Digital
Ana Salgado, Raquel Silva (coord.)
2026
ILLLP-ACL
<https://projetosilllp.acad-ciencias.pt/index.php/acl>



(18)

LeXmart
Alberto Simões, Ana Salgado (coord.)
2016
<https://lexmart.eu/>

O **Acervo Lexicográfico** preserva e divulga a memória dos dicionários e vocabulários portugueses, reunindo obras dicionarísticas, materiais paralexográficos e documentos que testemunham o longo processo de elaboração dos dicionários da língua portuguesa. Torna acessível um património fundamental para a história da língua e da lexicografia, articulando obras, autores, instituições e períodos.

Por sua vez, o projeto **ACL+ - Linguagem, Cultura e Inclusão Digital** disponibiliza vocabulários temáticos em linguagem clara, em domínios como a Saúde, as Alterações Climáticas, a Transição Digital, a Transição Energética e as Migrações, aproximando o conhecimento especializado de públicos mais amplos através de recursos terminológicos acessíveis e rigorosos.

Neste novo contexto, os dicionários deixam de ser apenas obras consultáveis em linha e passam a funcionar também como bases de dados linguísticas, reutilizáveis em motores de pesquisa, ferramentas educativas, recursos de acessibilidade, sistemas de processamento automático da língua e modelos de inteligência artificial.

Especialmente concebida para apoiar o **Dicionário da Língua Portuguesa** em formato digital, a plataforma **LeXmart** permite estruturar, editar e rever dados lexicográficos, constituindo, hoje, o alicerce tecnológico.

A dimensão tecnológica está presente no projeto **PORTULAN CLARIN LVT**, dedicado à integração de bases lexicais e recursos linguísticos em grandes modelos de linguagem. Esta linha de trabalho evidencia a importância de dados lexicográficos fiáveis, estruturados, atualizados e cientificamente validados para a representação da língua portuguesa no espaço digital.

Já o **Atlas Lexicográfico da Língua Portuguesa** (ALLP), projeto colaborativo liderado pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa e pelo ILLLP-ACL, tem como objetivo mapear e descrever o léxico usado nos diferentes espaços da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, dando visibilidade à diversidade lexical do português nos seus vários contextos geográficos e culturais.

Estes projetos reafirmam o compromisso da ACL com a descrição, a preservação e a atualização da língua portuguesa, conciliando tradição lexicográfica, inovação tecnológica, abertura à diversidade e serviço público. No espaço digital, a memória dos dicionários transforma-se, assim, numa infraestrutura de conhecimento ao serviço da língua, da ciência, da educação, da cultura e da sociedade.

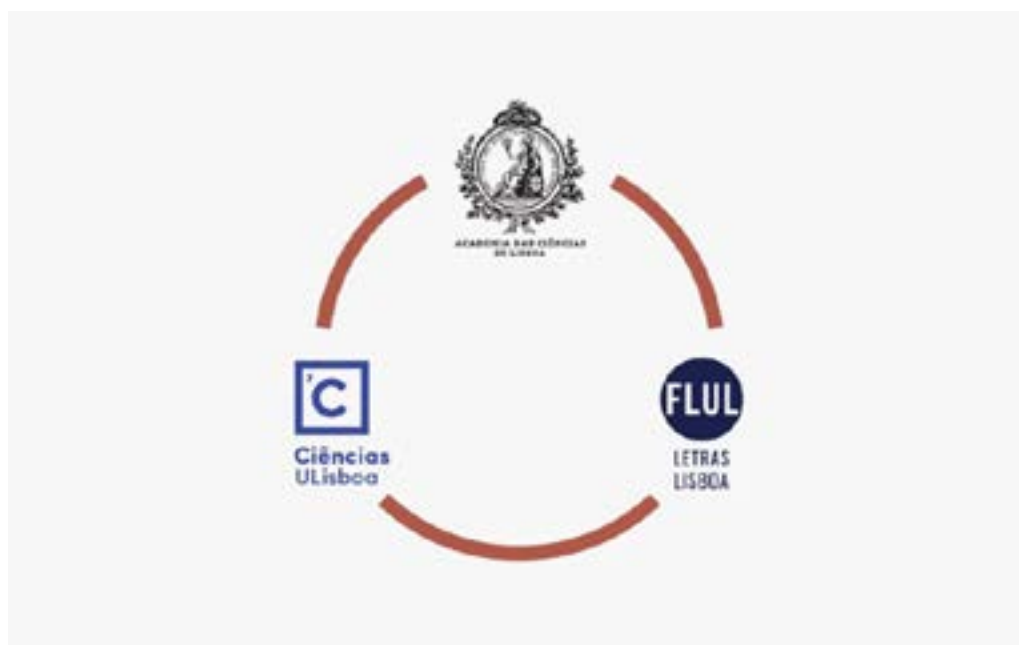
(19)

Acervo Lexicográfico
ILLLP-ACL
2025
Lisboa: Academia das Ciências de
Lisboa
<https://acervolexicografico.acad-ciencias.pt/>



(20)

PORTULAN CLARIN LVT
FCT, FLUL, ACL
António Branco, Amália Mendes, Ana
Salgado (coord.)
2026
ILLLP-ACL
<https://www.acad-ciencias.pt/2026/02/11/consorcio-portulan-clarin-lvt/>



(21)

Atlas Lexicográfico da Língua
Portuguesa
Instituto Internacional da Língua
Portuguesa / ILLLP-ACL
2026
Lisboa: Academia das Ciências de
Lisboa
<https://projetosilllp.acad-ciencias.pt/index.php/allp>



Painel 3

A dicionarística portuguesa entre ensino e missão

A história inicial da dicionarística portuguesa resulta de um processo longo e plural, em que se cruzam práticas escolares, necessidades pedagógicas, contacto linguístico e afirmação cultural. Antes dos dicionários propriamente ditos, glossários latinos medievais e listas vocabulares bilingues ensaiaram formas iniciais de organização lexical, sobretudo em contextos de ensino e aprendizagem do latim.

Durante séculos, o latim dominou o saber, a religião e a administração, enquanto o português ia ganhando progressiva visibilidade como língua de cultura escrita. Este processo deu-se num contexto de contacto e tensão com o castelhano, especialmente nas zonas fronteiriças e no meio editorial ibérico do Renascimento.

Desde a Idade Média, manuscritos isolados e glossários bilingues revelam os primeiros passos de uma prática pré-dicionarística, enraizada em contextos escolares, particularmente no ensino monástico e na aprendizagem do latim. O contacto sistemático entre o vernáculo e o latim, sobretudo em ambientes educativos, deu origem a reflexões gramaticais e lexicais que prepararam o terreno para uma futura descrição sistemática da língua portuguesa.

A generalização da escrita, a expansão da escolarização e a difusão da tipografia foram decisivas para este processo. A impressão permitiu acumular, fixar e fazer circular a memória textual, criando condições para instrumentos linguísticos mais estáveis. O léxico, inicialmente disperso por textos jurídicos, administrativos e religiosos, alargou-se progressivamente à escrita literária.

Nos séculos XVI e XVII, esta tradição pedagógica cruza-se com a ação missionária, em particular no contexto jesuíta. Os dicionários e vocabulários passam então a responder também à necessidade de ensinar, traduzir e comunicar em espaços plurilingues, tornando-se instrumentos de mediação entre línguas, culturas e práticas religiosas.

É neste cenário que se inscreve a obra de **Jerónimo Cardoso** (c. 1510-1569), humanista e pedagogo, considerado o fundador da tradição lexicográfica portuguesa. Durante muito tempo, o seu primeiro dicionário, o *Dictionary iuventuti studiosae admodum frugiferum* (1551), uma das primeiras obras lexicográficas impressas com português, foi dado como perdido. Só recentemente, durante a revisão e catalogação do espólio de José Leite de Vasconcelos, a Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa identificou um exemplar dessa edição, facto que veio renovar o conhecimento sobre os primórdios da lexicografia portuguesa impressa.

Nos anos seguintes, Cardoso ampliou substancialmente o repertório lexical e, em **1562**, publicou o *Dictionary ex lusitanico in latinum sermonem*, obra com cerca de 12 000 entradas, que representa a primeira alfabetação sistemática do léxico português.



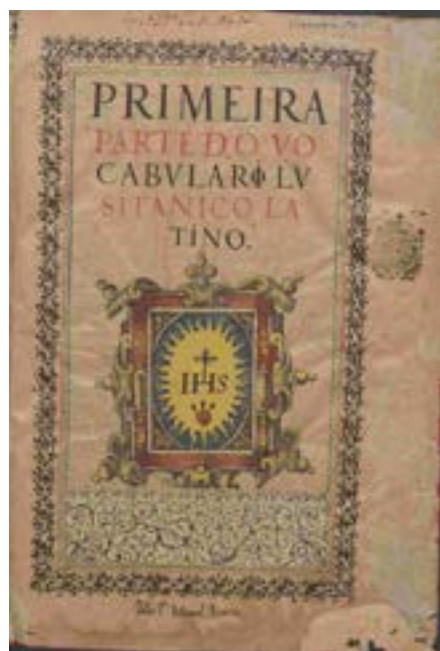
(22)

Hieronymi Cardosi Lamacensis
Dictionary ex Lusitanico in latinum
sermonem
Jerónimo Cardoso (c. 1510-1569)
1562
Ulisypone: ex officina Ioannis Aluari
(BACL 11.3 12.2)



(23)

Hieronymi Cardosi Dictionarij[m]
latino-lusitanicum et lusitanico-
latinum: quanta maxima fide, ac
diligentia accuratissimè expurgatum,
ut merito thesaurus utriusque linguae
quilibet polliceri sibi audeat. Adjectis
Dictionariolis de vocibus ecclesiasticis
de ponderibus, numismatis, & mensuris
cunctis. Accesserunt etiam concinni
loquendi modi, phrases & adagia ex
optimis authoribus decerpta. Item
Magna sylva Nominum Propriorum &
Appellationum, humaniorum ... deorum,
etc.
Jerónimo Cardoso (c. 1510-1569)
1694
Ulyssipone: typis, & sumptibus Dominici
Carneiro
(BACL 11.782.19)



(24)

Vocabulário Lusitano Latino
Manuel Barreto (c. 1561-1620)
1607
Manuscrito, Japão
Biblioteca da Academia das Ciências
de Lisboa
(BACL Azul 255)

É esta vertente português-latim da produção cardosiana que permite observar a passagem de um instrumento escolar de apoio ao latim para uma organização mais ampla e sistemática do vocabulário português. Embora subordinadas ao ensino do latim, estas obras assinalam momentos fundadores da dicionarística portuguesa e revelam um esforço consciente de fixação, clarificação e ampliação do léxico vernáculo.

Fortemente influenciado pelos modelos europeus de Nebrija, Calepino e Estienne, Cardoso introduziu procedimentos lexicográficos que se tornariam estruturantes: equivalências interlinguísticas, séries sinonímicas, indicações gramaticais, articulação morfológica e tentativas de normalização ortográfica. A sua obra teve larga difusão, sendo reeditada mais de uma dezena de vezes até finais do século XVII, praticamente sem alterações.

Já em 1694, circula sob o nome de Cardoso o **Dictionarium latino-lusitanicum et lusitanico-latinum**, edição alargada que inclui dicionários auxiliares de vocabulário eclesiástico, pesos, medidas e numismática, bem como expressões idiomáticas, nomes próprios e frases extraídas de autores clássicos. Esta obra representa um passo decisivo na articulação entre latim e português, com uma estrutura cuidada e um conteúdo ampliado, antecipando os grandes projetos lexicográficos do século XVIII.

A tradição inaugurada por Cardoso mostra como a dicionarística portuguesa se formou num espaço de transição linguística e cultural, alimentada por necessidades pedagógicas, pela técnica editorial e por uma vontade crescente de descrever e ordenar a língua portuguesa.

Com os jesuítas, esta tradição ultrapassa o espaço europeu e adquire projeção global. A Companhia de Jesus, instalada em Portugal no século XVI, desenvolveu uma sólida cultura pedagógica, centrada no ensino do latim e na formação de elites letradas. Nesse contexto, o português tornou-se simultaneamente língua de ensino, mediação e evangelização, presente em colégios e missões do Brasil ao Japão, passando pela Índia e pela China.

A lexicografia jesuítica articula rigor escolar, erudição humanista e pragmatismo missionário. Produziram-se dicionários e vocabulários com finalidades pedagógicas, formativas e de tradução, muitos deles estabelecendo relações entre o português, o latim e línguas locais.

Embora a dicionarística missionária esteja pouco representada no Acervo Lexicográfico da Academia, merece especial destaque a obra de **Manuel Barreto**, nomeadamente o **Vocabulário Lusitano Latino**, dicionário português-latim elaborado em 1607 na Província do Japão e atualmente conservado, em três volumes manuscritos, na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.



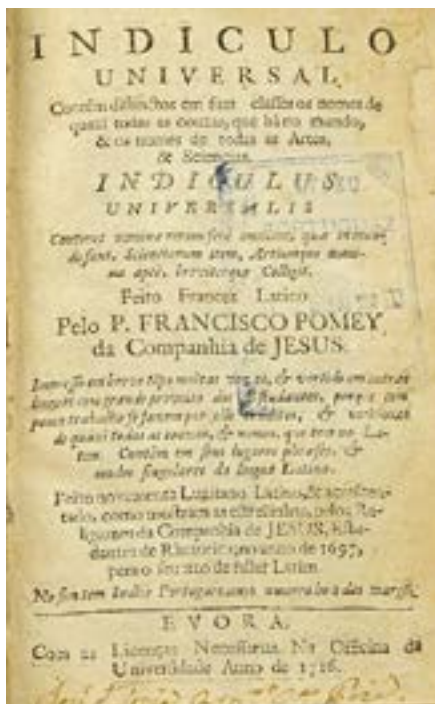
(25)

Prosodia in vocabularium trilingue Latinum, Lusitanicum, et Castellanicum digesta in qua dictionum significatio et syllabarum quantitas expenditur
 Authore Doctore P. Benedicto Pereyra 1674
 Ulyssipone: ex proelo, & sumptibus Antonii Craesbeeck á Mello, TERENTIUM
 (BACL Reservado 6-11)

Merece ainda destaque **Bento Pereira (1605–1681)**, cuja obra lexicográfica ficou conhecida sob o título geral Prosodia. Publicada pela primeira vez em **1634** como vocabulário trilingue latino, português e castelhano, a obra conheceu sucessivas reedições, ampliadas e reformuladas, até meados do século XVIII. A obra de Bento Pereira tornou-se referência para o léxico português, influenciando práticas lexicais e ortográficas. Foi também a primeira a construir um corpus do português com base em autores portugueses, como Camões, João de Barros ou Duarte Nunes do Leão, expressamente indicados como fontes textuais.

Os jesuítas publicaram ainda dicionários escolares como o **Indículo Universal** (1716), adaptado de modelos franceses e organizado por campos semânticos. Estes instrumentos integravam-se no currículo dos colégios e foram reeditados ao longo de décadas.

A lexicografia jesuítica constitui uma das fases mais ativas e internacionalizadas da dicionarística portuguesa. Ao articular ensino, missão e língua, combinou tradição europeia e adaptação local, contribuindo para a circulação documentada do português como língua de cultura, ensino e contacto.



(25)

Indículo Universal: contém distintos em suas classes os nomes de quazi todas as couzas, que ha no mundo, & os nomes de todas as artes, & sciencias
 P. Francisco Pomey 1716
 Evora: Officina da Universidade
 (BACL 11.4.7.5)

Painel 4

A lexicografia monolingue em Portugal no século XVIII



(26)

Vocabulário Portuguez e Latino
Rafael Bluteau (1638-1734)
1712-1721
Coimbra: No Collegio das Artes da
Companhia de Jesus
(Reservado 28-3/I-II, V-VII-VIII)



(27)

Diccionario portuguez, e latino
impresso por ordem Delrei Fidelissimo
Dom José I Nosso Senhor para uso
das escolas de todos os seus reinos,
e senhorios,
Pedro José da Fonseca (1737?-1816)
1771
Lisboa: na Regia Officina
Typographica
(BACL 11 .782. 21)

No século XVIII, a lexicografia portuguesa conhece uma transformação decisiva: a progressiva autonomização da descrição do português e a afirmação do dicionário monolingue. Depois de uma tradição marcada por repertórios bilingues e plurilingues, destinados ao ensino, à tradução e à mediação linguística, começa a consolidar-se a vontade de descrever a língua portuguesa a partir do seu próprio léxico, dos seus usos e das suas autoridades textuais.

A produção lexicográfica intensificou-se e diversificou-se, orientando-se para fins escolares, pedagógicos, enciclopédicos e normativos. Os dicionários passaram a integrar não apenas o vocabulário comum, mas também termos técnicos e científicos, refletindo a valorização da linguagem como instrumento de conhecimento.

Publicado entre 1712 e 1721, em oito volumes, o **Vocabulário Portuguez e Latino**, de **Rafael Bluteau**, constitui uma obra fundadora da lexicografia portuguesa setecentista. Embora estruturado como repertório português-latim, o **Vocabulário** atribui grande desenvolvimento à descrição do português, aproximando-se, em muitos aspetos, de uma vasta obra monolingue, com comentários semânticos, etimológicos e enciclopédicos. Bluteau combina autoridade erudita, pragmatismo didático e ambição normativa, lançando um modelo que influenciaria a dicionarística posterior. A presente seleção contempla o corpo principal da obra, sem os volumes suplementares publicados posteriormente, permitindo ainda assim evidenciar a amplitude enciclopédica e o papel estruturante deste repertório na história dos dicionários portugueses.

Ao longo do século XVIII, outros lexicógrafos contribuíram para o desenvolvimento da descrição do português. **Carlos Folqman**, no **Diccionario portuguez, e latino** (1755), registava variantes significativas das palavras e abonava usos com exemplos de autores clássicos.

Ainda nesta época, destaca-se o trabalho de **Bernardo de Lima e Melo Bacelar**, cujo **Diccionario da lingua portugueza** (1783) se diferenciava pela inclusão de raízes etimológicas, acentuação e gramática filosófica, procurando conferir maior rigor normativo e racional à descrição da língua portuguesa.

No campo da terminologia científica, merece menção o **Diccionario dos termos technicos de Historia Natural** (1788), de **Domingos Vandelli**, que extraiu vocábulos das obras de Lineu e incluía ilustrações para facilitar a compreensão dos mesmos.

Em 1789, **António de Morais Silva** publica o **Diccionario da Lingua Portuguesa**, obra que marca uma nova fase da lexicografia nacional e é amplamente reconhecida como o primeiro grande dicionário monolingue do português moderno. Reformulando criticamente o modelo enciclopédico de Bluteau, Morais Silva adota uma abordagem mais linguística e sistemática: organiza o



(28)

Diccionario portuguez, e latino: no qual as dicções, e frases da lingua portugueza, e as suas variantes significações, genuinas, e metaforicas, se achão clara, e distinctamente vertidas na Latina, e authorizadas com exemplos dos Autores classicos
 Carlos Folqman (1704-?)
 1755
 Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa
 (BACL 11 .782.20)



(29)

Diccionarios da lingua portugueza e de frases, do uso do R.mo Mestre José Mayne, em diferentes tomos: modos de continuar hum discurso em bom vulgar
 José Mayne (1723-1792)
 1781
 (Vermelho 406)

léxico a partir de autores portugueses, reduz a informação extralinguística e propõe um rigor normativo que marcaria a tradição dicionarística posterior.

Segue-se o ***Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*** (1798-1799), de **Joaquim de Santa Rosa de Viterbo**, que preservava a memória das palavras em desuso.

A lexicografia oitocentista nasce, assim, deste impulso setecentista: combinando erudição, funcionalidade e ambição nacional, a lexicografia portuguesa do século XVIII afirma-se como campo de saber próprio e instrumento de modernização cultural.



(30)

Dicionario da lingua portugueza, em que se acharão dobradas palavras do que traz Bluteau e todos os mais dictionaristas juntos: a sua propria significação: as raizes de todas ellas: a accentuação: e a selecção das mais usadas e polidas: a grammatica philosophica e a orthographia racional no principio e as explicações das abbreviaturas no fim desta obra
Bernardo de Lima e Melo Bacelar (1736?–?)
1783
Lisboa: Jozé de Aquino Bulhoens (BACL 11.3.13.19)



(31)

Dicionario dos termos technicos de Historia Natural extrahidos das obras de Linneo com a sua explicação e estampas abertas em cobre para facilitar a intelligencia dos mesmos e a memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos...
Domingos Vandelli (1735–1816)
1788
Coimbra: Real Officina da Universidade (BACL 11.365.14)



(32)

Diccionario da Lingua Portugueza
António de Moraes Silva (1755–1824)
1789
Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira
(BACL 11.782.22/I-II)



(33)

Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram
Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (1744–1822)
1798–1799
Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira: Na Typographia Regia Silviana (Reservado 35-22 A/I-II)

Painel 5

A consolidação da lexicografia portuguesa no século XIX



(34)

*Diccionario da Lingua Portuguesa
Recopilado dos Vocabulários Impressos
até agora...*
António de Moraes Silva (1755-1824)
1813
Lisboa: na typ. Lacerdina
(BACL 11. 703. 18/ I-II)



(35)

Diccionario da Lingua Portuguesa
António de Moraes Silva (1755-1824)
1831
Lisboa: Na Impressão Regia
(BACL 16.1.36)

Ao longo do século XIX, o dicionário torna-se um instrumento cada vez mais presente na vida escolar, editorial e cultural. A tradição inaugurada por António de Moraes Silva, em 1789, prolonga-se em sucessivas reedições, frequentemente revistas e aumentadas, que acompanharam as transformações do léxico, da sociedade e da vida pública portuguesa. Pela sua longevidade e autoridade, o dicionário de Moraes Silva tornou-se o eixo estruturante da lexicografia monolíngue oitocentista.

O *Diccionario da Lingua Portuguesa* conheceu várias reedições ao longo do século XIX — 1813, 1823, 1831, 1844, 1858, 1877-1878 e 1890-1891 —, servindo de fonte, modelo e ponto de comparação para muitos repertórios posteriores. As edições conservadas no Acervo Lexicográfico da Academia permitem testemunhar essa continuidade editorial e a adaptação progressiva da obra a novos usos linguísticos, políticos e culturais.

Paralelamente, assiste-se à democratização do dicionário. A consulta lexicográfica deixa de estar limitada a obras eruditas ou monumentais e passa a responder a necessidades mais práticas: o ensino, a escrita quotidiana, a leitura, a correção ortográfica, a pronúncia e o esclarecimento de palavras em desuso. Multiplicam-se, assim, repertórios portáteis, escolares, universais, ortográficos e prosódicos, destinados a públicos mais amplos e a uma utilização mais imediata.

Logo no início do século, o ***Novo Diccionario da Lingua Portuguesa* (1806)**, publicado anonimamente pela Typographia Rollandiana, testemunha a continuidade e a adaptação da tradição lexicográfica herdada do século XVIII. Composto a partir dos dicionários então disponíveis e enriquecido com vocábulos recolhidos em autores antigos e modernos, procura ampliar o repertório lexical e responder a uma língua em transformação, mantendo ainda forte ligação aos modelos de autoridade anteriores.

O ***Diccionario Portátil das Palavras, Termos e Frazes que em Portugal antigamente se usarão* (1825)**, de Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, representa uma vertente mais prática e manejável da lexicografia histórica. Retomando e resumindo o trabalho do Elucidário, reúne palavras, termos e expressões antigas já pouco compreendidas, oferecendo ao leitor um instrumento de consulta para aceder à memória documental, jurídica e cultural da língua portuguesa.

O ***Diccionario Prosodico de Portugal e Brazil* (1877)**, de António José de Carvalho e João de Deus, insere-se na tradição dos dicionários breves, escolares e normativos que se multiplicam no século XIX. Com atenção à prosódia, à ortografia e ao uso correto da língua, reflete a crescente importância atribuída à escolarização, à fixação linguística e à circulação transatlântica do português entre Portugal e o Brasil.



Em conjunto, estas obras mostram como, ao longo do século XIX, o dicionário se tornou um instrumento cada vez mais diversificado: obra de autoridade, apoio escolar, guia de correção, repertório histórico e meio de circulação do português entre Portugal e o Brasil.

(36)

Diccionario da Lingua Portuguesa
António de Moraes Silva (1755-1824)
1844
Lisboa: Typ. de Antonio José da Rocha
(Reservado 12-13/I-IV)



(37)

Novo Dicionario da Lingua Portuguesa: composto sobre os que até o presente se tem dado ao prelo. Acrescentado de varios vocabulos extrahidos dos classicos antigos, e dos modernos de melhor nota, que se achão universalmente recebidos

1806
Lisboa: Typ. Rollandiana
(BACL 11.791.3)



(38)

Diccionario Portátil das Palavras, Termos e Frazes que em Portugal antigamente se usarão, e que hoje regularmente se ignorão: resumido, correcto e addicionado
Joaquim de Santa Rosa de Viterbo
(1744-1822)
1825
Coimbra: Real Imprensa da Universidade
(Serra 48)



(39)

Diccionario Prosodico de Portugal e Brazil
António José de Carvalho; João de Deus
1905, 7.ª ed. revista e muito aumentada
Lisboa: Pacheco e Barbosa; Porto: Lopes / Rio de Janeiro, Schmidt
(Reservado 6-11)
Empréstimo do académico M. J. Lemos de Sousa

Painel 6

Os grandes dicionários oitocentistas



(40)

Novo Dicionário Crítico e Etymologico da Língua Portuguesa
Francisco Solano Constâncio
8.ª ed., 1863
Paris: Angelo Francisco Carneiro
(BACL 15.75.4)



(41)

Nôvo Dicionário da Língua Portuguesa
Cândido de Figueiredo
1913 (nova ed.)
Lisboa: Livraria Clássica Editora
(BACL 15.29)

Na segunda metade do século XIX, a lexicografia portuguesa conhece projetos de maior fôlego, marcados pela ambição de reunir, ordenar e documentar amplamente o léxico da língua. Depois da multiplicação dos dicionários escolares, portáteis e de consulta prática, afirmam-se obras de grande extensão, com maior investimento editorial, filológico e documental.

Embora diferentes entre si, estes dicionários partilham a vontade de ampliar a nomenclatura, incorporar vocabulário literário, técnico e científico, registrar usos antigos e modernos e responder às exigências de uma cultura escrita em expansão. Pela escala material, pela circulação e pela influência posterior, contribuíram decisivamente para estabelecer modelos de consulta que continuariam ativos no século XX.

Embora nem todas estas obras se encontrem representadas no Acervo Lexicográfico da ACL, o percurso dos grandes dicionários oitocentistas passa também por projetos como o *Novo Dicionário Crítico e Etymologico da Língua Portuguesa* (1836), de Solano Constâncio e o *Nôvo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo (1899).

O *Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa* (1871-1874), de Fr. Domingos Vieira, publicado em cinco volumes no Porto, é uma das obras mais ambiciosas da lexicografia portuguesa oitocentista. Preparado para publicação com a colaboração de figuras como Adolfo Coelho e Teófilo Braga, combina uma vasta recolha lexical, abundantes abonações literárias e uma forte ambição filológica. Ao mesmo tempo, revela limitações próprias dos grandes repertórios de acumulação, marcados pela desigualdade de critérios e pela dificuldade de harmonizar materiais de natureza diversa.

O *Dicionário Contemporaneo da Língua Portuguesa* (1881), feito sobre o plano de Caldas Aulete e redigido em grande parte por António Lopes dos Santos Valente, representa uma tentativa importante de modernização lexicográfica. O seu plano introdutório refletia criticamente sobre o estado dos estudos lexicológicos em Portugal e defendia uma nomenclatura ampla, aberta a neologismos, termos técnicos, arcaísmos e usos legitimados pela necessidade. Pela atualização lexical, pela informação etimológica e gramatical e pela atenção às variedades diacrónicas, geográficas e estilísticas, tornou-se uma referência duradoura.

No final do século, o *Nôvo Dicionário da Língua Portuguesa* (1899), de Cândido de Figueiredo, viria a prolongar este ciclo de grandes dicionários de acumulação lexical, embora não se encontre representado no Acervo Lexicográfico da Academia. A sua ampla difusão editorial confirma a vitalidade comercial e cultural do grande dicionário monolingue na passagem para o século XX.



Em conjunto, estes dicionários assinalam a passagem para uma escala editorial mais ambiciosa e para uma conceção mais abrangente do repertório lexical. Entre erudição, autoridade literária, informação linguística e exigências comerciais, consolidaram a imagem do grande dicionário como obra de referência nacional e prepararam o terreno para novas formas de organização e atualização do léxico no século seguinte.

(42)

*Grande Dicionario Portuguez ou
Thesouro da Lingua Portugueza
Fr. Domingos Vieira
1871-1874
Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu
H. de Moraes
Empréstimo do académico M. J. Lemos
de Sousa*



(43)

*Grande Dicionario Portuguez ou
Thesouro da Lingua Portugueza
Fr. Domingos Vieira
1871-1874
Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu
H. de Moraes
Empréstimo do académico M. J. Lemos
de Sousa*

Painel 7

Herança e inovação na lexicografia dos séculos XX e início do XXI



(44)

Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa
Aniceto dos Reis Gonçalves Viana
(1840-1914)
1913, 2.ª ed.
Lisboa/Paris: Livraria Bertrand/Livraria Aillaud
(BACL Serra 62)



(45)

Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa
Aniceto dos Reis Gonçalves Viana
(1840-1914)
1913, 2.ª ed.
Lisboa/Paris: Livraria Bertrand/Livraria Aillaud
(BACL Serra 62)

No século XX, a lexicografia em língua portuguesa desenvolve-se entre a continuidade dos grandes modelos herdados do século anterior e a procura de novas formas de organização, fixação e circulação do léxico. A tradição dos dicionários gerais mantém-se ativa, mas ganham relevo a ortografia, a pronúncia, o uso escolar, a etimologia, a organização analógica, a vocação enciclopédica e a dimensão luso-brasileira da língua.

No início do século, o **Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa** (1909), de **Aniceto dos Reis Gonçalves Viana**, representa um marco na reflexão sobre a escrita e a pronúncia do português. Publicado num período de intensa discussão ortográfica, antecede a reforma de 1911 e testemunha o esforço de uniformização e racionalização da grafia.

A sua obra seria complementada pelo **Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa** (1913), reforçando o papel dos vocabulários na fixação da escrita.

A obra de Sebastião Rodolfo Dalgado alarga o horizonte da lexicografia portuguesa ao domínio do contacto linguístico. A **Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas** (1916) documenta a presença lexical portuguesa em cerca de cinquenta línguas asiáticas, evidenciando a circulação histórica do português em contextos de comércio, missão e administração.

O **Glossário Luso-Asiático** (1919 e 1921), também de **Dalgado**, aprofunda essa dimensão histórica e intercultural, preservando testemunhos da circulação de pessoas, objetos, práticas e conceitos entre Portugal e o Oriente.

A partir da década de 1930, a produção dicionarística diversifica-se, acompanhando a expansão dos públicos leitores, a consolidação do ensino e a crescente procura de instrumentos de consulta linguística acessíveis.

O **Dicionário Geral da Língua Portuguesa** (1933), de **Carlos Alberto Correa**, insere-se na tradição dos dicionários gerais de consulta corrente, orientados para a leitura, a escrita e o esclarecimento vocabular.

No espaço brasileiro, o **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa** (1939-1944), de **Laudelino Freire**, testemunha a vitalidade da lexicografia de grande escala. Publicado no Rio de Janeiro, em cinco volumes, integra o movimento de afirmação dos grandes repertórios lexicais no espaço luso-brasileiro, contribuindo para ampliar a representação do português do Brasil no domínio dicionarístico.

A vertente normativa e pedagógica mantém-se muito presente. O **Novo Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa** (1943), de **Vasco Botelho do Amaral**, centra-se em questões de formação, ortografia, ortoépia, morfologia, sintaxe, neologismos, estrangeirismos e propriedade vocabular, dirigindo-se ao esclarecimento de dúvidas e ao uso cuidado da língua.



(46)

Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas: abrangendo cerca de cinquenta idiomas
(obra impressa)
Sebastião Rodolfo Dalgado (1855-1922)
1916
Coimbra: Imprensa da Universidade
(BACL 12.93.7)



(47)

Glossário Luso-Asiático
Sebastião Rodolfo Dalgado (1855-1922)
1921
Coimbra: Imprensa da Universidade
(Av. C 12409)



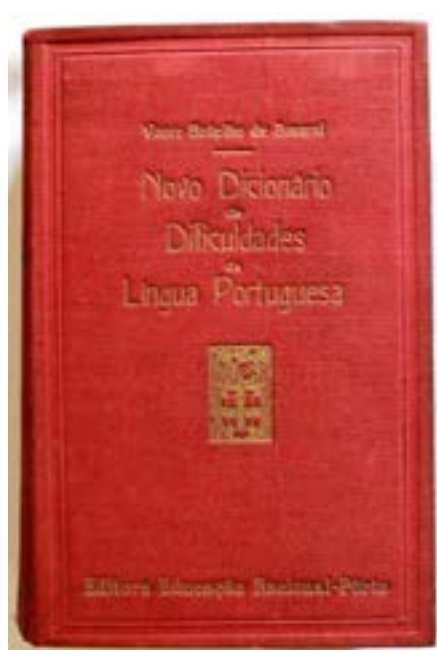
(48)

Dicionário Geral da Língua Portuguesa
Carlos Alberto Correia
1933
Lisboa: Império
(BACL 15.9.106)



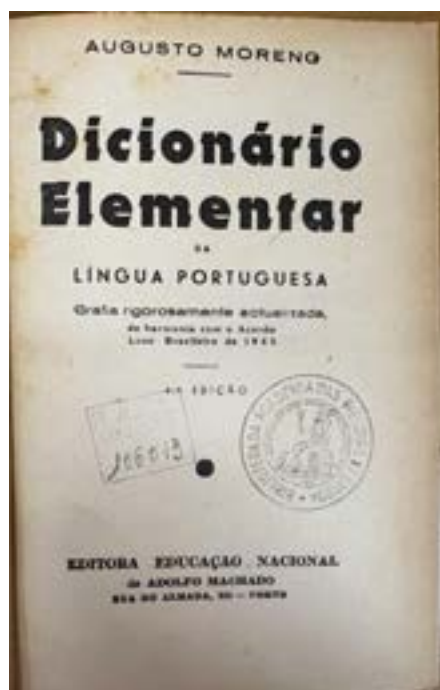
(49)

Dicionário da Língua Portuguesa = Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa
Freire Laudelino de Oliveira (1873-1937)
1940-1944
Rio de Janeiro: A Noite, S. A. Editora
(BACL 7.43)



(50)

Novo Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa: Formação. Ortografia. Ortoepia. Morfologia. Sintaxe. Solecismos. Sematologia. Neologismos. Estilística. Vernaculidade. Estrangeirismos
Vasco Botelho do Amaral (1912-1980)
1943
Porto: Editora Nacional
Empréstimo da académica Ana Salgado



(51)

Dicionário Elementar da Língua Portuguesa
Augusto Moreno (1870-1955)
1945
Porto: Editora Educação Nacional
(Av. B 1924)



(52)

Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa
Artur Bivar (1881-1946)
1948-1958, 2 vols.
Porto: Editorial Ouro
(Av. C 19257)

O ***Dicionário Elementar da Língua Portuguesa* (1945)**, de **Augusto Moreno**, representa, por sua vez, a vertente escolar e prática da lexicografia portuguesa, aproximando o dicionário de públicos em formação.

Publicado em fascículos entre **1948 e 1958**, o ***Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa***, de **Artur Bivar**, constitui uma experiência singular na lexicografia portuguesa do século XX. Ao articular uma componente alfabética com uma secção analógica organizada por relações de sentido, propõe uma forma alternativa de acesso ao léxico: não apenas da palavra para o significado, mas também da ideia para a palavra.

Embora ausente do Acervo da ACL, a tradição de **Morais Silva** prolonga-se no ***Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1949-1959)**, obra em doze volumes que atualiza e amplia uma linhagem lexicográfica iniciada no século XVIII. Publicado num período de forte expansão editorial dos dicionários gerais, este repertório confirma a durabilidade do modelo de **Morais Silva** e a sua adaptação a novas necessidades de consulta no século XX.

Mais tarde, o ***Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa* (1961)** procuraria tornar essa tradição mais manejável, adaptando-a a formas de consulta mais práticas e condensadas.

A **Porto Editora** assume, a partir de 1952, um papel central no panorama lexicográfico nacional com o lançamento daquele que viria a ser conhecido como “dicionário laranja”, o ***Dicionário Editora da Língua Portuguesa*** (nas primeiras edições ***Dicionário de Português***). Concebida para uso escolar, a obra foi sucessivamente revista e ampliada, tornando-se referência para gerações de estudantes e professores. A editora alargaria depois a sua atuação a diferentes públicos, com coleções escolares, académicas, temáticas e de bolso.

Nos anos seguintes, multiplicam-se obras destinadas a públicos diversificados, refletindo a afirmação do dicionário como instrumento de estudo, consulta e cultura geral.

O ***Dicionário Complementar da Língua Portuguesa***, de **Augusto Moreno**, reúne informação sobre pronúncia, grafia, etimologia, arcaísmos e locuções estrangeiras aplicáveis em português, respondendo a necessidades de correção linguística e de esclarecimento vocabular.

O ***Dicionário Prático Ilustrado: Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro* (1955)**, dirigido por **Jaime de Séguier**, representa uma linha editorial que combina informação lexical e conhecimento enciclopédico.

O ***Dicionário da Língua Portuguesa* (1956)**, de **Fernando J. da Silva**, testemunha a continuidade dos dicionários gerais de consulta corrente em meados do século XX. Pela sua orientação prática, integra-se no movimento de expansão editorial de repertórios destinados ao uso quotidiano, ao apoio escolar e à consolidação de hábitos de consulta linguística.



(53)

Grande Dicionário da Língua Portuguesa
António de Moraes Silva (1755-1824)
1949-1959, 2 vols.
Editorial Confluência
(BACL 7.17.17)



(54)

Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa
António Moraes da Silva (1755-1824)
1961
Lisboa: Editorial Confluência
LTDA.
(BACL 1.91.19)



(55)

Dicionário de Português
J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo
2.ª ed. muito corrigida e aumentada
Porto: Porto Editora
(BACL Col. Div. 722.1/A)



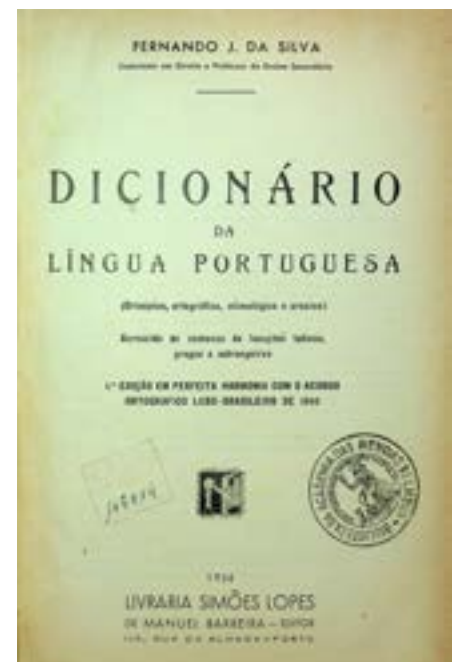
(56)

Dicionário Complementar da Língua Portuguesa: Ortoépico, Ortográfico e Etimológico: com glossário de arcaísmos e uma lista das principais locuções estrangeiras aplicáveis em português
Augusto Moreno (1870-1955)
1954
Porto: Educação Nacional
(Fogaça 923)



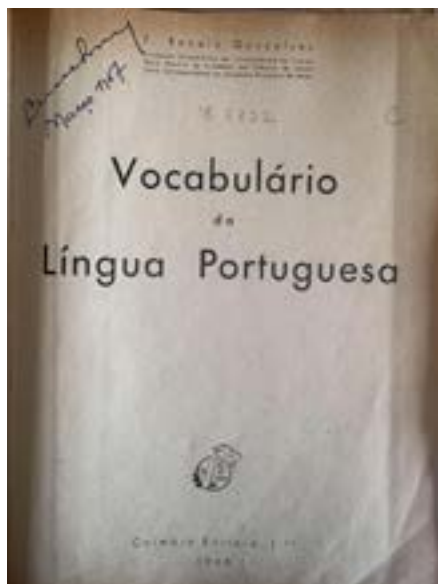
(57)

Dicionário prático ilustrado: Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro
Jaime de Séguier (dir.), José Lello & Edgar Lello (eds.)
1955
Porto: Lello & Irmão
(BACL 15.47.9)



(58)

Dicionário da Língua Portuguesa
Fernando J. da Silva
1956
Porto: Livraria Simões Lopes
(Av. B/1925)



(59)

Vocabulário da Língua Portuguesa
Francisco Rebelo Gonçalves (1907-
1982)
1966
Coimbra: Coimbra Editora



(60)

Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa
José Pedro Machado (1914-2005)
2003, 8.ª ed.
Lisboa: Livros Horizonte
Empréstimo da académica Ana Salgado

A fixação ortográfica mantém-se como uma das linhas centrais da lexicografia do século XX. Neste domínio, o **Vocabulário da Língua Portuguesa (1966)**, de **Francisco Rebelo Gonçalves**, impõe-se como obra de referência pela dimensão do repertório e pelo rigor normativo. Na continuidade dos vocabulários ortográficos académicos, oferece uma descrição sistemática da língua escrita e contribui para a estabilização de critérios de uso.

No mesmo período, a lexicografia especializada ganha novo relevo, em particular no domínio histórico e etimológico. O **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**, de **José Pedro Machado**, aqui representado pela 8.ª edição (2003), insere-se nessa linha de investigação histórica do vocabulário. Dedicado à origem e evolução das palavras portuguesas, constitui uma obra essencial para compreender a formação do léxico, as suas relações com outras línguas e a memória histórica inscrita nas formas vocabulares.

A tradição dos repertórios de vocação enciclopédica prossegue com o Lello Universal: **Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro (1974)**. Ao combinar informação lexical e conhecimento geral, esta obra dirige-se a públicos amplos, para quem o dicionário funcionava também como instrumento de cultura geral.

Já o **Grande Dicionário da Língua Portuguesa (1981-1989)**, de **José Pedro Machado**, prolonga a tradição dos grandes repertórios gerais, procurando reunir informação lexical, histórica e cultural numa obra de larga escala. A sua publicação confirma a importância de José Pedro Machado como uma das figuras centrais da dicionarística portuguesa do século XX, particularmente associada à investigação etimológica e histórica do léxico.

No final do século XX, a lexicografia brasileira afirma-se com obras de grande circulação. O **Dicionário Contemporâneo de Português (1992)**, de Maria Tereza Camargo Biderman, evidencia a atenção crescente ao português em uso.

O **Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (1998)** confirma a consolidação de dicionários comerciais preparados para responder às exigências do português contemporâneo.

Já no século XXI, o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, de **Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**, aqui representado pela 2.ª edição revista e aumentada (1986), prolonga essa tradição.

O **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, de **António Houaiss** e **Mauro de Salles Villar**, prolonga a afirmação dos grandes dicionários monolíngues em língua portuguesa no início do século XXI. Concebido no Brasil como um repertório de grande fôlego e publicado também em Portugal pelo Círculo de Leitores, articula descrição do português contemporâneo, informação etimológica, registo de variantes, dados gramaticais e atenção à história das palavras. Pela extensão da nomenclatura e pela riqueza da



(61)

Lello Universal: Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro em 2 volumes
José Lello (1944-2016) & Edgar Lello
1974
Porto: Lello & Irmão
(BACL 7.17.18/1-2)



(62)

Grande Dicionário da Língua Portuguesa
José Pedro Machado (1914-2005)
1981-1989
Algés: Euro-Formação
(Sala Brasil)



(63)

Dicionário Contemporâneo de Português
Maria Tereza Camargo Biderman
(1936-2008)
1992
Petrópolis: Vozes
(BACL 2.3.1)



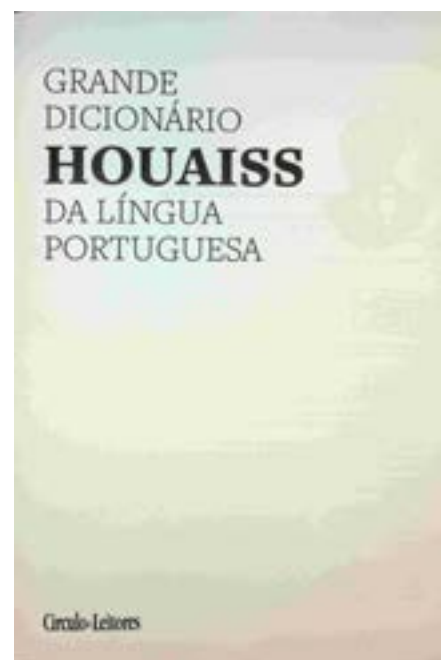
(64)

Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa
Walter Weiszflog & Rosana Trevisa
(coords.)
1998
São Paulo: Melhoramentos
(BACL 2.1.36)



(65)

Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa
Walter Weiszflog & Rosana Trevisa
(coords.)
1998
São Paulo: Melhoramentos
(BACL 2.1.36)



(66)

Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa
António Houaiss e Mauro de Salles Villar
2015 (1.ª ed.)
Lisboa: Círculo de Leitores
(BACL Sala Brasil)



informação linguística reunida, tornou-se uma referência fundamental no espaço lusófono, evidenciando a circulação transatlântica dos grandes projetos lexicográficos contemporâneos.

A tradição acadêmica brasileira inscreve-se também na preocupação com a fixação ortográfica. O **Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (1943), da Academia Brasileira de Letras, testemunha esse esforço de sistematização no Brasil, num período marcado por debates e aproximações luso-brasileiras em torno da ortografia.

O **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (1998), também da Academia Brasileira de Letras, atualiza essa linha normativa no final do século XX. Enquanto repertório de referência para o português do Brasil, contribui para a estabilização da grafia e para a consulta ortográfica num contexto de crescente circulação editorial e escolar.

A edição de 2009, já adaptada ao novo quadro ortográfico, prolonga esse papel normalizador no século XXI. Ao refletir as mudanças decorrentes do Acordo Ortográfico de 1990, evidencia a importância dos vocabulários acadêmicos na construção de uma consciência linguística partilhada no espaço lusófono.

Entre continuidade e inovação, o século XX e o início do século XXI deixam uma herança lexicográfica ampla e plural. Dos vocabulários ortográficos aos dicionários escolares, dos grandes repertórios gerais aos dicionários etimológicos, analógicos, enciclopédicos e luso-brasileiros, a língua portuguesa é descrita como património comum, em permanente atualização e circulação.

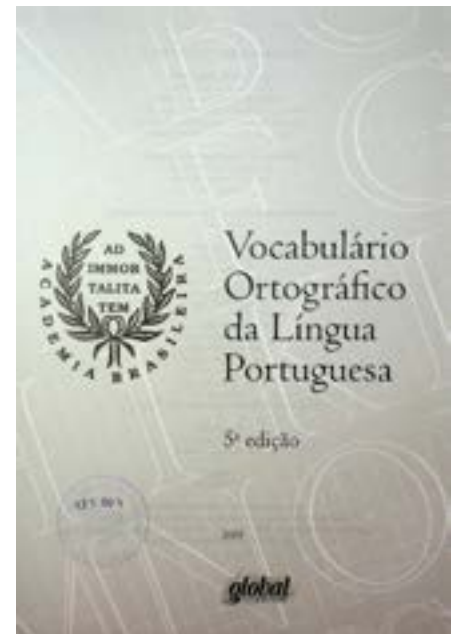
(67)

Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
Academia Brasileira de Letras
1943
Rio de Janeiro: Imprensa Nacional
(Reservado 31-6)



(68)

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
Academia Brasileira de Letras
1998
Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras
(Trigueiros 1036)



(69)

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
Academia Brasileira de Letras
2009
São Paulo: Global
(Av. C 19776)

BIBLIOGRAFIA

Academia Brasileira de Letras (1928). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: (apontamentos para a edição definitiva)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras.

Academia das Ciências de Lisboa (1916). *Bases da ortografia que deve ser adoptada no Dicionário da Academia*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Coelho, Jacinto do Prado (1959). *Plano a que obedece o Dicionário Académico*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

Dantas, Júlio (1936). *Inclusão das terminologias científicas no Dicionário da Academia*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

Gonçalves, Francisco Rebelo (1939). *O Dicionário Histórico e Etimológico e o Vocabulário Ortográfico* [Resumo da comunicação]. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa

Gonçalves, Francisco Rebelo (1941). *Plano geral do “Dicionário da Língua Portuguesa”*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa

Iriarte Sanromán, Álvaro (2016). *Dicionários Portugueses*. <https://hdl.handle.net/1822/78348>

Malaca Casteleiro, João (1981). *Estudo linguístico do 1.º Dicionário da Academia (1793)*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

Porto Editora. (s.d.). Edições em papel. Recuperado em 7 de abril de 2025, de <https://www.portoeditora.pt/lingua-portuguesa/edicoes-papel>

Vasconcelos, José Leite de (1916). *O “Dicionário da Academia”*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa (Coimbra: Imprensa da Universidade).

Verdelho, Telmo (1995). *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica

Verdelho, Telmo (2007). Dicionários portugueses: Breve história. Verdelho, T. & Silvestre, J. P. (Orgs.), *Dicionarística Portuguesa, Inventariação e Estudo do Património Lexicográfico* (pp. 11-60). Aveiro: Universidade de Aveiro.

Verdelho, Telmo & Silvestre, João Paulo (orgs.) (2007) *Dicionarística Portuguesa. Inventariação e Estudo do Património lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

EXPOSIÇÃO

COMISSÁRIA

Ana Salgado

EDIÇÃO

Ana Salgado

EQUIPA

Leonor Martins

Leonor Reis

Ana Filipa Rodrigues

Cátia Barros

Nathália Bertolozo

Nuno Estevens

Tiago Gomes

DESIGN

Afonso Horta

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Academia das Ciências de Lisboa

e-ISBN

978-972-623-428-9

DOI

<https://doi.org/10.58164/6byr-4873>

AGRADECIMENTO

Ao Doutor Alberto Simões, pelo apoio constante e generoso aos trabalhos lexicográficos do ILLLP, bem como pelo contributo técnico e científico que tem prestado, desde o início, à transição digital dos recursos lexicográficos académicos. À Doutora Raquel Silva, pela leitura atenta deste Catálogo e pelas sugestões que contribuíram para o seu aperfeiçoamento.



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA**